

A voz dos adolescentes

Poema à mãe¹

No mais fundo de ti
Eu sei que te traí, mãe.

Tudo porque já não sou
O menino adormecido
No fundo dos teus olhos.

Tudo porque ignoras
Que há leitos onde o frio não se demora
E noites rumorosas de águas matinais.

Por isso, às vezes, as palavras que te digo
São duras, mãe,
E o nosso amor é infeliz.

(...)

Mas tu esqueceste muita coisa;
Esqueceste que as minhas pernas cresceram,
Que todo o meu corpo cresceu,
E até o meu coração
Ficou enorme, mãe!

(...)

Não me esqueci de nada, mãe.
Guardo a tua voz dentro de mim.

(...)

Eugénio de Andrade (texto com supressões)

A individualização é um processo inerente ao crescimento. Independentemente da origem, cultura, estatuto social ou relações de parentesco, todo o indivíduo deve ter possibilidade de se afirmar livremente como ser único, isto é de poder construir a sua identidade como pessoa. Como sabemos, este processo de construção não é fácil e a tarefa de conquistar a autonomia implica experienciar, fazer escolhas, correr riscos... Os medos, as inseguranças, as indecisões invadem o adolescente, ator privilegiado neste processo.



¹Andrade, Eugénio, in *Poesia Completa de Eugénio de Andrade*, Fundação de Eugénio de Andrade

Não é fácil ser adolescente. A cabeça fervilha, o corpo muda e não nos obedece, são borbulhas que aparecem, vozes que mudam e nem sempre afinam, pernas que crescem e nem sempre têm permissão de andar ou que têm dificuldades em encontrar o seu caminho, é o coração que bate com mais força, as pulsões que teimam em querer dominar-nos e esta vontade de querer mudar o mundo feito à medida dos adultos...

Queremos que nos sintam enquanto pessoas que também têm algo a dizer. Podemos até não trazer nada de novo mas acreditamos que só nos conseguiremos construir verdadeiramente enquanto cidadãos se nos derem a palavra e nos ouvirem, se a democracia não for apenas mais uma palavra mas um exercício sério de participação na construção da cidadania.

Foi-nos lançado o desafio de escolher falar do adolescente e a família, do adolescente e a escola ou do adolescente e a saúde. Pediram-nos para refletir sobre o que esperamos destas áreas e quais os contributos que podemos dar. No fundo, pediram-nos para refletir sobre o nosso papel dentro de uma destas esferas, ou seja, uma reflexão sobre o que consideramos ser os nossos direitos e deveres.

Claro que os deveres de que falamos são fundamentalmente os deveres éticos e as possibilidades de ações decorrentes destes valores.

Foi interessante verificar as dificuldades que sentimos em separar a nossa discussão pelos três itens. À medida que o debate se desenrolava mais a educação, a família e a saúde se interligavam. Isto levou-nos a pensar que os problemas da adolescência são transversais às realidades da família, da educação e da saúde e que o olhar que devemos ter sobre eles deve ser articulado e global.

Estranhamente, só depois de começarmos a escrever é que nos apercebemos que, inconscientemente, tínhamos escolhido a temática do adolescente e da família.

A família é para nós, adolescentes, o lugar da segurança, o lugar dos afetos, do cuidado... O lugar que nos viu crescer e que nos acompanhou sempre até hoje. Mas, isto do crescimento tem muito que se lhe diga!!! São múltiplas as transformações que sofremos num espaço curto de tempo. Os pais nem sempre se apercebem dessas transformações, sobretudo das alterações interiores.

“Tudo porque já não sou / o menino adormecido / no fundo dos teus olhos.”

Como perceberem que podemos não gostar da nossa imagem? Para os pais somos sempre, ou quase sempre, bonitos: somos o filho que eles viram nascer. Desvalorizam, muitas vezes, sentimentos que estão ligados diretamente com a nossa aceitação do corpo.



Esquecem-se, também, “ que as minhas pernas cresceram/ que todo o meu corpo cresceu/ e até o meu coração/ ficou enorme, mãe!”. Mas as minhas pernas cresceram e querem andar, querem dar passos maiores, querem explorar caminhos. Precisam de se aventurar mas também precisam de saber que os nossos pais/ família estão lá se alguma pedra mais aguda ferir os nossos pés, se alguma ameaça surgir no caminho.

Para tal necessitamos que nos deixem construir a nossa autonomia, fazer as nossas experiências para podermos escolher o caminho a seguir, precisamos que conversem connosco, que nos ouçam, que nos orientem mais do que imponham. Não estamos a dizer com isto que não são precisas regras. Elas são necessárias para nos darem balizas, para nos ajudarem a encontrar os limites mas não podem ser de tal forma que nos anulem.



Aos filhos assistem certos direitos como a liberdade de opinião e respetiva aceitação, compreensão e afeto por parte das figuras parentais, a independência (dentro de certos limites, principalmente quando esta se opõe à segurança do adolescente), um espaço acolhedor para viver, uma educação estruturada, uma orientação ética e moral e ainda direitos relativos a cuidados de saúde e alimentação, direitos básicos de sobrevivência. Analisando estas considerações de uma perspetiva mais alargada, podemos inferir que os direitos dos filhos correspondem aos deveres dos pais para com estes.

No entanto, não podemos esquecer os deveres dos filhos para com os pais ou quem assume o seu papel. Estes baseiam-se na compreensão das opiniões e decisões, no respeito pela autoridade, na solidariedade familiar, na partilha das tarefas domésticas, no cumprimento do nosso papel de aluno. No entanto, a posição do adolescente não deve deixar de ser crítica e assertiva.

Assim, ao olharmos para a vida familiar vemos um conjunto de direitos e deveres que temos que defender e cumprir. Tudo isto se aplica porque, tanto nós como os membros da nossa família são pessoas e, como tal, a relação deve basear-se na confiança e aceitação mútua. A construção desta relação não é tarefa fácil, porque construir uma convivência harmoniosa e produtiva, numa idade de afirmação da autonomia e da individualização, traz muitas vezes conflitos.



Os pais têm medo da nossa autonomia, têm medo que nos percamos em caminhos perigosos, já que a nossa idade é tempo de experiências e de teste de limites. Na sua frente veem jovens que já não conhecem e continuam a querer olhá-los como os seus bebés. Têm medo que o que nos ensinaram se perca na primeira viela e as discussões dão-se, os conflitos agudizam-se.

“Por isso, às vezes, as palavras que te digo / são duras, mãe, / e o nosso amor é infeliz”

Como construir, então, esta convivência harmoniosa? Em primeiro lugar, investindo nela. Os dois lados devem demonstrar a vontade de querer construir algo sólido, querer fortificar a relação com os alicerces mais seguros. É claro que é fácil ter vontade ou desejo de algo mas, para chegar à ação concreta é preciso um passo de gigantes (e nós apenas somos adolescentes). E ainda: quem deve ser o primeiro a arriscar avançar o pé para território incerto e desconhecido? É claro que a conclusão é algo óbvia, mas será facilmente alcançável?

Queremos acreditar que sim! Queremos acreditar que nós e os nossos pais daremos o primeiro passo ao mesmo tempo e com a mesma amplitude, sem “agora não” ou “não tenho tempo ou paciência para isso”.



A cedência é, igualmente, algo importante, não só por ser a chave para o bom entendimento, como por implicar a anulação do “tenho sempre razão” e do “eu é que sei” que, numa relação de traços conflituosos, são argumentos usados por nós e pelos pais. O diálogo apresenta-se, também, como um ótimo suporte desta harmonia familiar, resultando como elemento fortalecedor para ambas as partes: nós, os adolescentes, sentimo-nos valorizados e por sua vez os pais sentem-se aceites e próximos.

Estas conversas dão-nos, não só a oportunidade de conhecer os pais como também a hipótese de encontrarmos um ombro amigo e experiente que poderá ter a resposta às dúvidas que se erguem e que derivam, exatamente, deste período de vida em que nos encontramos. Questões relativas à sexualidade, à manifestação dos sentimentos e até mesmo às mudanças físicas que a adolescência traz, podem ser explicadas por esta figura parental que, para além de nos querer bem, possui obviamente, mais experiência de vida e, portanto, conselhos dignos de serem ouvidos.

No entanto, apesar de toda esta proximidade, o espaço é também algo necessário. A adolescência passa por uma extensão abrupta dos horizontes e isto implica nova gente, novos valores, novas informações e novas ideias a assimilar. Precisamos de espaço, de tempo com os nossos pensamentos para rearrumar a nossa cabeça e consolidar a nossa personalidade, o que implica uma seleção de valores (mudamos muitas vezes de opinião ou crenças relativamente a determinados assuntos e queremos ser ouvidos e compreendidos pelos pais) , a tal cedência, a consideração por parte dos pais e, claro, a compreensão e reflexão profunda da nossa parte. Se há algo que devemos desprezar aqui é o “ser obtuso”. Devemos, então, ter um “espírito aberto”. Apesar de toda esta individualização e afirmação pessoal, sabemos que, na maior parte dos casos, os valores básicos e fundamentais que resultaram da educação parental são mantidos; nós nunca nos dissociamos dos valores ético-morais que recebemos.



“Não me esqueci de nada, mãe. / Guardo a tua voz dentro de mim.”

Além disso, nesta fase, os amigos tomam um papel muito importante na nossa vida (são pessoas da nossa idade que partilham e experimentam connosco e com quem criamos uma forte empatia, por viverem o mesmo que nós); o nosso coração cresce enormemente para dar lugar a todas as pessoas que fazem parte da nossa vida e de quem nós gostamos.

“E até o meu coração / ficou enorme, mãe!”



Neste coração enorme coabitam a família, os amigos e as paixões. Por vezes esta coabitação é tumultuosa. São as pulsões que nos arrastam, as decisões a tomar, a insegurança: será o momento certo? Será que estou preparado(a)? Por que não sou amado(a)? Por que não desperto paixões? Todas estas questões diretamente ligadas à sexualidade são mais fáceis de debater com os amigos, independentemente do grau de abertura dos pais. Precisamos de sentir que os outros nos entendem, que estão no mesmo comprimento de onda... Nem sempre os pais compreendem esta necessidade de partilha de sentimentos, experiências e dúvidas com os pares.

O papel dos pares no nosso desenvolvimento é fundamental. A sua influência, tão importante para a construção da nossa identidade, é muitas vezes vista pelos adultos como negativa ou como o bode expiatório de todos os comportamentos de risco dos adolescentes: “ cuidado com as companhias” , “coitado(a) perdeu-se! O problema são os amigos!”, “ confio em ti. Não confio é nos outros”...

Não negamos que os grupos de pares possam, por vezes, ser uma influência negativa, que para nos inserirmos num grupo tenhamos que saber fazer frente às pressões quando estas vão contra a nossa forma de ser ou de pensar, mas perguntamos: no cômputo geral são mais as influências negativas dos grupos de pares ou as influências positivas? Os grupos também são, e maioritariamente, fatores de proteção.

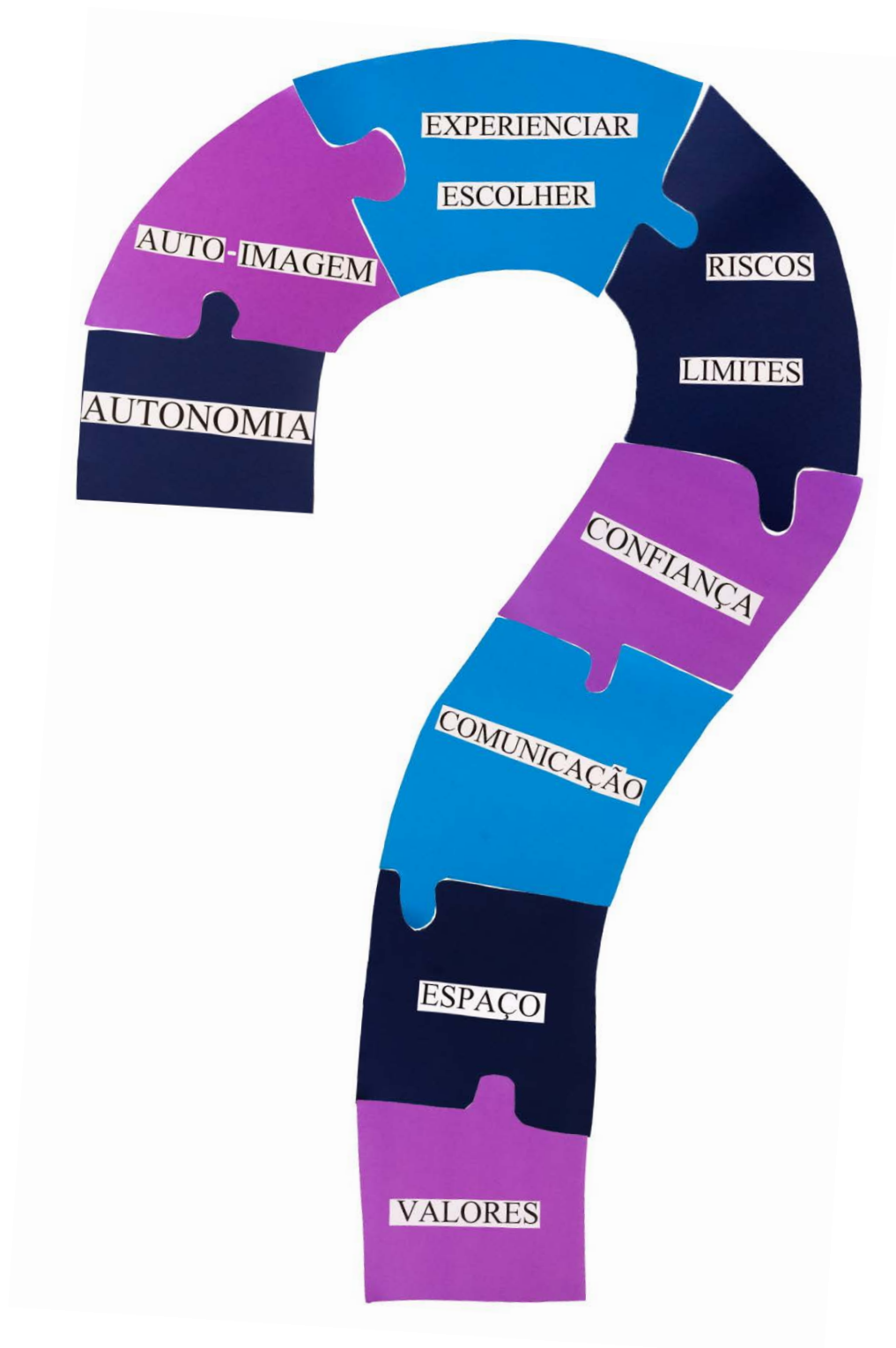


Preferimos aqui falar do grupo e dos amigos de um modo positivo. Falar dos amigos que nos momentos em que tentamos testar os nossos limites de uma forma pouco saudável nos chamam à razão. Dos amigos que quando nos veem envolvidos numa relação de namoro que nos desrespeita, não nos deixam sós e nos mostram que valem a pena. Dos amigos com quem partilhamos experiências, alegrias, medos, angústias. Dos amigos que nos ajudam a resistir a todo o tipo de pressões porque nos aceitam com as nossas vulnerabilidades.

Retomando o nosso sentir adolescente, esta nossa difícil tarefa de crescer, de conquistar autonomia, de colar todas as peças do nosso puzzle para nos encontrarmos enquanto pessoas, para, no fundo, podermos responder à questão: Quem sou eu? , retomando este sentir, esta permanente busca de equilíbrio num mundo interior tumultuado dentro de um corpo em mudança, esta constante procura de equilíbrio numa corda sempre a balançar, os amigos, companheiros de equilíbrio podem dar-nos as mãos, podemos mutuamente ajudarmo-nos a manter o equilíbrio mas, indubitavelmente que precisamos, tal como os equilibristas, da rede para nos dar segurança. Esta rede são os pais, a família... A segurança de sabermos que estão lá para nós, que até nos podem criticar, que se podem zangar mas que, não nos abandonam porque afinal a família é o lar, o lugar dos afetos, o nós de que fazemos parte.

Continuando a parafrasear Eugénio de Andrade:

“ Boa noite, eu vou com as aves ...”



Trabalho realizado por:

Inês Grilo
Luís Antunes
Miguel Oliveira
Patrícia Henriques
Pedro Silva
Rita Roque

Professor responsável:

Ana Paula Santos